

PREFÁCIO

O MÉTODO DE SLAVOJ ŽIŽEK¹

ALAIN BADIOU²

Eu escrevi em algum lugar que havia cinco filósofos importantes, na Europa, na segunda metade do século XX até nossos dias. Deixemos de lado os quatro primeiros. O quinto era meu amigo Slavoj Žižek. Haveria um sexto, um filósofo em suma supranumerário: eu mesmo.

Dessa distribuição de prêmios, independente do que possamos pensar disto, resulta em todo caso que Žižek e eu próprio formamos um par, que funciona, além disso oficialmente, como direção de conferências internacionais sobre a palavra “comunismo” que ocorreram em Londres, em Berlim, em Nova Iorque e em Seoul, e que continuarão no ano que vem em La Paz e no Rio de Janeiro.

Sempre amator de histórias tiradas do aparelho dos Estados socialistas – dos quais enquanto esloveno, seu país de origem –, Slavoj compara de bom grado o par que nós formamos a uma agência [*bureau*] política, esta como sempre preenchida de anedotas em torno das rivalidades, das exclusões, das execuções. Alguns verões, nós formamos também um par na European Graduate School: para uma mesma turma, ele ensinava das 9 horas às 10h 30, depois eu o substituía das 11 horas ao 12h30. Eu o cruzava no caminho da encosta que subia da vila de Saas-Fee até o lugar da escola, e ele me mantinha informado dos juízos na qual nossa classe ele os havia feito sobre mim. Um de meus numerosos “crimes ideológicos” era gostar do filme de Eastwood *As Pontes de Madison*, que ele achava uma ninharia convencional, chorosa e reacionária. Com as aulas, eles tinham deliberado, e Slavoj, com a cara gulosa, diziam-me: “Você foi condenado à pena capital por desvio ideológico pequeno-burguês. No entanto, encontramos, procurando muito bem, circunstâncias atenuantes. Nós te condenamos a dez anos no Gulag, durante os quais você deverá meditar sobre as obras completas de Jdanov.”

Eu o perdoo por tudo, porque sei da admiração profunda, da amizade sólida, que ele sempre teve por mim. Foi ele que me fez ser conhecido no mundo acadêmico norte-americano, e ele o fez ao mesmo tempo através de interrogações críticas sérias e de um

¹ Texto publicado originalmente por Alain Badiou como prefácio à edição francesa do livro de Slavoj Žižek, *Moins que rien: Hegel et l'ombre du matérialisme dialectique* [trad. ing. *Less Than Nothing: Hegel and the Shadow of Dialectical Materialism*. London; New York: Verso, 2012. trad. bra. *Menos que Nada: Hegel e a Sombra do Materialismo Dialético*. São Paulo: Boitempo, 2013.] traduzido por Frederico Lyra de Carvalho (Mestre em Musicologia pela Université Paris-Sorbonne e doutorando em Filosofia da Arte pela Université Lille-3 e membro do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia - CEII) e José Mauro Garboza Junior (Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES, graduando em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná – UENP e membro do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia – CEII) com a autorização do autor.

² Nascido em 1937 na cidade marroquina de Rabat, Badiou é autor de vasta produção intelectual, é tido como um dos principais filósofos franceses da atualidade. Lecionou filosofia entre 1969 e 1999 na Universidade de Paris-VIII e, atualmente, é professor emérito da École Normale Supérieure de Paris, onde criou o Centre International d'Étude de la Philosophie Française Contemporaine. Sua trajetória está marcada pelo ativismo político. Filho de um professor de matemática – prefeito de Toulouse entre 1944 e 1958 – que se destacou na Resistência Francesa, Badiou participou dos movimentos de 1968, foi membro-fundador do Parti Socialiste Unifié (PSU) e um dos dirigentes da L'Union des Communistes de France Marxiste-Léniniste (UCF-ML), grupo maoísta francês. Além de obras filosóficas, escreveu ensaios políticos, romances e atua como dramaturgo.

33 reconhecimento soberano, uma falta total de um espírito mesquinho, de rivalidade, uma
34 admiração extremamente rara. Onde se poderia encontrar outra pessoa além de Slavoj
35 para dizer publicamente de um colega, e, portanto, um rival, como eu, que ele é um
36 pensador vivo comparável a Platão ou Hegel? E esta contundente, essa excessiva
37 comparação, ele a faz com simplicidade, com amizade, porque ele espera que seja
38 verdade, simplesmente.

39 Diz-se frequentemente, aqui e ali, que ele era um ator, um falador no qual a
40 retórica dissimula a inconsistência, um arrivista, alguém imbuído de si mesmo e de
41 manha. Gostaria de dizer – e argumentar mais ainda – que penso exatamente o
42 contrário. Slavoj é alguém de uma rara diretriz, de uma fidelidade exemplar na amizade
43 e na admiração, e de uma seriedade total na busca pela verdade ou na busca de uma
44 nova maneira de pensar. É também, e isso se vê rapidamente, exposto à angústia que seu
45 mestre Lacan diz que só ela subjetiva ou anuncia o real. E se ele se impõe às vezes uma
46 aparência de um humorista cínico, é apenas para fracassar a angústia enquanto a faz
47 trabalhar. Acima disso, é a paixão pela verdade que reina, e um tipo de invariância tenaz
48 em sua orientação de pensamento.

49 Nós somos, é verdade, muito diferentes, de onde permanece a possibilidade que
50 nosso par funcione, quando a circunstância o exige, a pleno regime. Ainda na EGS, um
51 estudante me disse ter encontrado uma nova prova da existência de Deus. Eu estava,
52 sem dúvida, interessado por aquela história espantosa. “É que, me disse o estudante,
53 somente um Deus todo-poderoso poderia ter criado dois professores de filosofia tão
54 diferentes como Žižek e você!” Devo admitir que esta evidência quase abalou meu
55 ateísmo...

56 Poderia, no entanto, essa diferença que salta aos olhos ao nos escutar ou ao nos
57 ler ter mais a ver com a forma que com o fundo, ao estilo que os conceitos colocados
58 em obra. Uma observação de aparência secundária testemunha, a meu ver, de um acordo
59 subterrâneo extremamente forte, de uma subjetividade compartilhada em vastas zonas
60 de criação intelectual: amamos um e outro com paixão as óperas de Richard Wagner, e
61 somos um e outro comunistas fiéis, embora defendêssemos o que recobre este nome em
62 novas direções. Ora esses dois pontos fazem ruptura: de Adorno à Lacoue-Labarthe,
63 libertar-se de Wagner parece uma operação obrigatória da filosofia contemporânea. E
64 não se pode dizer que a convicção comunista seja hoje em dia muito popular entre os
65 intelectuais europeus. É preciso sem dúvida adicionar nossa imensa admiração por
66 Lacan, personagem largamente mal-dito da conjuntura atual, e que, à exceção de
67 Althusser, os filósofos da geração que nos precede, de Sartre a Derrida passando por
68 Deleuze, não cessaram de ironizar. Este singular tecido de referências (encontraríamos
69 outras) é um sintoma de que nossos respectivos sistemas, mesmo que na superfície
70 quase que opostos, visam sem dúvida os mesmos alvos.

71 O presente livro, este volumoso, este considerável *Menos que nada*, permite
72 examinar esta hipótese, pois é uma verdadeira soma de pensamentos, de referências e de
73 métodos de Slavoj Žižek. Este é, sem a menor dúvida, o livro de filosofia mais
74 elaborado que apareceu depois de dez ou vinte anos, com o seu contrário, dedutivo,
75 conciso, formal: o *Après la finitude*³ de Quentin Meillassoux.

76 Não se trata aqui de resumir ou de contar esta obra-prima: o leitor será
77 rapidamente conduzido pelas fórmulas, pelas histórias, pelas citações, pelas referências,

³ MEILLASSOUX, Quentin. **Après la finitude: essai sur la necessite de la contingence**. Paris: Éditions du Seuil, 2006. [trad. ing. MEILLASSOUX, Quentin. **After finitude: an essay on the necessity of contingency**. London: Continuum, 2008.].

78 todo este tecido cintilante, móvel, em que Slavoj adorna, dissimula e exhibe tudo de uma
79 vez as molas metálicas, de uma resistência implacável, que estruturam seu pensamento.
80 Eu quero apenas prestar homenagem à muito alta, à quase altiva estratégia que rege o
81 menor detalhe.

82 Este estratégia vem simplesmente para renovar no seu todo o pensamento
83 dialético, opondo essa renovação espetacular a todas as tendências academicamente
84 dominantes na filosofia hoje.

85 Alguma palavra para indicar a majestosa grandeza desse projeto e explicar como
86 isso se combina com vários detalhes sutis, saborosos ou inquietantes.

87 Slavoj Žižek considera que a filosofia começa realmente com Kant. Por quê?
88 Porque Kant é o primeiro a explicar, não só que o homem erra a distância da verdade do
89 ser, o que é a fácil constatação da pré-filosofia grega, mas como faz que esta pretendida
90 errância seja de fato dotada de uma configuração subjetiva impressionante, na qual se
91 estabelece nada menos do que a totalidade da experiência humana, incluindo a ciência
92 mais rigorosa, a saber, a matemática fundada por Tales e a física fundada por Newton.
93 Esta defasagem, esta discordância entre a impotência aparente (não acedo ao
94 conhecimento de “o que é como é”) e a mais evidente potência (a ciência moderna e
95 suas consequências) é o modelo dialético do real: o que parece não fazer aparece – seja
96 a realidade fenomenal –, não opera a inacessibilidade do ser-em-si apenas na medida em
97 que ela faz o ser aparecer mais “em verdade” do que poderia a simplicidade do ser-em-
98 si. Em certo sentido, a robustez das leis que rege o sujeito transcendental faz que mesmo
99 não me represente nada, a operação representante como tal persiste ao ser, enquanto
100 menos que nada.

101 Ali se inicia, no auge do idealismo alemão, a apreensão do real como falha
102 interna, dissidência imanente, defasagem irresoluta, ou seja, todas as formas vivas da
103 negação. Ali se pode compreender que na menor anedota cômica possamos conceber
104 que o dito faz do discreto segredo de um contradito o dito explícito; a menos que o
105 explicitamente dito seja precisamente a verdade do que ele parece negar. De onde
106 resulta que o pensamento possa estar ao mesmo tempo todo inteiro no dito e
107 inteiramente defasado deste dito.

108 No fundo, tudo se sustenta na famosa anedota judaica: “Você me diz que vai à
109 Cracóvia para que eu, sabendo que és um completo mentiroso, pense que vais a Gdansk.
110 Mas você vai realmente à Cracóvia. Então, por que, uma vez mais, mentes?” A
111 compreensão das razões pelas quais Hegel pode sustentar que o Absoluto é
112 particularmente ativo no dizer do que contradiz a existência releva da mesma insistência
113 lógica: o melhor sintoma do ser reside na diferença quase nula entre o seu dizer e seu
114 dito, ou entre seu ato e seu enunciado.

115 O idealismo alemão inaugura a história inteira da filosofia, essa história se
116 declina em 6 etapas:

- 117
- 118 1. Uma pré-história grega
 - 119 2. Um nascimento crítico (Kant)
 - 120 3. Duas instâncias idealistas (Fichte e Schelling)
 - 121 4. Uma matriz dialética “definitiva” (Hegel)
 - 122 5. Uma repetição criadora de Hegel (Lacan)
 - 123 6. Uma repetição criadora da repetição criadora de Hegel por Lacan (Žižek)
- 124

125 Donde a organização de *Menos que nada* em duas grandes partes que imitam a
126 repetição estratégica de Hegel por Lacan: uma parte Hegel, depois uma parte Lacan. O

127 que é perfeitamente lógico, pois Žižek, repetindo a repetição de Hegel por Lacan, dever
128 colocar em cena essa repetição de maneira a qual, fazendo-a sendo vista como
129 repetição, ele a repete necessariamente *de outro modo*.

130 É nesse quadro estratégico que opera o maravilhoso método de Žižek, que é a de
131 fazer se equivaler, quanto à detenção de defasagens primordiais, materiais de aparência
132 totalmente díspares. Entendendo-se que os disparates (a falha, a discordância, o
133 obscuro, o mau gosto, o contraste, o inesperado, o “que não está no seu lugar”, ...) é, em
134 realidade, o ponto nodal, a balança sensível, da inteligibilidade dialética.

135 A leitura de tal livro é como uma viagem que vai de surpresa em surpresa. Mas
136 isso mesmo repete Hegel *de outro modo*. Na sua *Fenomenologia do espírito*⁴, Hegel nos
137 propõe uma viagem de uma figura da consciência a uma outra, sem jamais fazer outra
138 coisa que ler repetitivamente o absoluto numa conjuntura impraticável de duas figuras
139 sucessivas na qual uma é a verdade da outra. Žižek nos leva de uma história genérica a
140 uma mais alta, a mais incomparável análise textual, que após esta análise, a uma pirueta
141 escatológica, e da pirueta à construção elegante de um conceito novo, sem jamais deixar
142 o fio da existência eternamente sintomático de toda verdade semi-dita no seu do dizer.

143 Ler esta longa e constantemente apaixonante viagem, vocês experimentarão
144 todos os meios de compreender o que é nosso implacável “mal-estar na civilização”. E
145 vocês também saberão onde se encontram os meios de suportar, esse mal-estar, de
146 maneira criativa. O que significa dizer que vocês terão tido a experiência mental de um
147 novo laço entre verdade e liberdade.

148 E mesmo se eu penso – o que não é muito importante – que já Platão fazia o que
149 Žižek credita ao idealismo alemão, como resistir a esse poder existencial do modo de
150 exposição que é este de meu amigo? Como não ver que nessa maneira de tirar um
151 coelho conceitual todo reluzente de uma cartola, é da dialética ela mesma que ele se
152 ampara, com uma espécie de tremor pessoal que, melhor que tudo, demonstra a angústia
153 que acompanha a filosofia quando ela toca as verdades? Um só exemplo, para concluir,
154 tirado do começo da segunda grande parte de *Menos que nada* (a lacaniana). Em nota
155 em um desenvolvimento muito apertado sobre a essência da dialética acerca da
156 pretensão à totalização, encontramos, entre outras histórias, esta, no registro de uma
157 “velha piada judaica citada por Freud”: “Você diz que você é um lixo, mas nós não
158 somos idiotas: você realmente é um lixo”. Segue um grande comentário conceitual, que
159 aproxima Marx e Freud: “A premissa subjacente é que *O Todo jamais é realmente tudo*:
160 toda concepção do Todo omite alguma coisa, e a empreitada dialética consiste
161 precisamente a incluir este excesso, a leva-lo em consideração”. Damos então a Žižek
162 que sua angústia mesma, quando ele deve transpor esse gênero de verdade absoluta a
163 um imenso público de jovens, faz com que ele solte o resto, o excesso, que ele vai
164 “tomar em consideração” sob a forma de um coelho-resto, esquecido e vivo, que sai da
165 cartola-Todo, preto e morto. Como, por exemplo, o coelho-resto que é o real de um lixo
166 sob olhar da cartola-Todo que parece ser a asserção “eu sou um lixo”. Por onde Žižek
167 não somente é um grande filósofo, mas um dos quais, por fazer publicamente justiça às
168 grandes visões que são as dele, devem e podem sobrepor à competência dialética o
169 saber-fazer de um mágico. Porque, vejam vocês, em definitivo, ser profundo não é nada,
170 se você não souber mostrar a profundidade lá onde ele existe e age: na superfície. E é o
171 que Slavoj Žižek faz melhor que ninguém.

⁴ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Fenomenologia do espírito*. tradução de Paulo Meneses; com a colaboração de Karl-Heinz Effen, e José Nogueira Machado. 8ª ed. Patrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.